



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega das obras de restauração do Palácio da Alvorada**

Palácio da Alvorada, 06 de abril de 2006

Bem, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Alencar. E, cumprimentando o José Alencar, eu quero cumprimentar todas as pessoas que estão aqui na frente, comigo, e fazer uma deferência especial ao senhor Antônio Pereira Pacheco, que é esse senhor simpático, de 90 e picos de anos, que ajudou a construir – 97 anos – que é o morador mais antigo da Vila Planalto, que é a vila que iniciou a construção de Brasília.

Queria cumprimentar os empresários da Abdib. Agradecer porque, em nenhum momento, desde a primeira conversa que tivemos, encontramos, da parte dos empresários, qualquer objeção para dar essa contribuição na restauração deste Palácio.

Agradecer ao Oscar Niemeyer, está aqui o Sérgio Brasileiro, que eu espero ainda representante legítimo do Oscar Niemeyer. Antes de começar a restauração, eu fiz questão de convidar o Oscar Niemeyer para vir almoçar aqui, dizer para ele qual era o propósito da restauração. Ele não só concordou como autorizou que nós fizéssemos o que tinha que ser feito. Afinal de contas, como todo bom pai, ele não queria ver uma cria sua morrendo precocemente. Ele queria que essa sua cria fosse bem tratada.

E obviamente que é motivo de orgulho para o Brasil e para o mundo saber que, em algum lugar do planeta, tem uma obra dessa magnitude, motivo de orgulho dos brasileiros, em qualquer parte do mundo que estejamos.

Agradecer aos trabalhadores que trabalharam aqui. Eu não sei o nome de todos, mas eu não sei em quantos momentos da vida dos trabalhadores, eles trabalham com emoção. E o fato de que algumas centenas de trabalhadores, contratados para trabalhar na restauração, tenham entrado no



Palácio da Alvorada – e eu pude participar de um churrasco com eles, na despedida deles –, possivelmente tenha sido o trabalho da vida deles, possivelmente tenha sido o orgulho da sua atividade profissional, tal era a emoção com que trabalhavam.

E vocês sabem que o trabalho de reformar alguma coisa, de restaurar, é mais difícil que você começar a fazer uma coisa nova. E eu penso que esses trabalhadores ainda estejam aqui, agora, porque, certamente, como o senhor Antônio, que participou disso aqui, não sei quantas vezes ele entrou aqui, mas o dado concreto é que ele está aqui agora. Possivelmente, os que trabalharam aqui, passem muito tempo sem entrar num Palácio.

Agradecer ao Iphan pela compreensão de que era necessário dar um passo adiante, porque no Brasil, lamentavelmente, muitas vezes, quando você pensa em fazer uma restauração num monumento histórico, sempre aparece um engraçadinho para dizer: “Isso poderia estar sendo gasto em outra coisa. Isso daria para comprar tantas cestas básicas, daria para fazer tantas casas populares”. E, com medo da crítica, ninguém tem coragem de fazer.

E essas mesmas pessoas que criticam, quando viajam pelo mundo, adoram visitar os museus e os palácios, e voltam encantados com o Primeiro Mundo, voltam encantados com o espírito de preservação dos monumentos. E eles não sabem que, para aquilo durar até hoje, século XXI, precisou de alguém ter a coragem de cuidar daquilo, de gastar dinheiro naquilo, de restaurar aquilo.

E eu tinha lido um artigo – não vou citar nomes – de um presidente que quis restaurar, mas não faltaram notícias negativas contra a restauração. Aí as pessoas se encolhem e deixam ir deteriorando. Porque, muitas vezes, as pessoas que ganham as eleições para Presidente da República, imaginam: bom, eu vou ficar só quatro anos, para que que eu vou cuidar disso? Quatro anos passaM tão rápido. Mas eu sou de um tempo em que a gente alugava a casa para morar e mesmo a casa não sendo da gente, todo ano, no final do



ano, a gente pintava a casa da gente, a gente arrumava a casa da gente, porque a gente não estava arrumando para o dono da casa, a gente estava arrumando para que as pessoas que passassem vissem que, naquela casa, morava alguém que sabia cuidar da sua casa. E quem não gostava de uma casa bem pintada? Quem não gostava das coisas bem limpas?

E isso aqui precisava de uma reforma. Teve presidente que quis morar aqui, teve presidente que não quis morar aqui. Mas o dado concreto é que independentemente da vontade dos presidentes eleitos, isto aqui é um patrimônio da humanidade, é uma obra de Oscar Niemeyer, e só por isso merece o nosso respeito, e só por isso merece ser preservada.

Eu, quando chego a Salvador e vejo aquela parte do Pelourinho que está recuperada, quando a gente chega no centro velho de Recife e vê aquela parte que está sendo restaurada, quando a gente chega em Ouro Preto e vê aquela parte restaurada, quando a gente chega numa cidade e percebe que as pessoas estão cuidando das coisas...

Eu me lembro de uma vez, em São Paulo, quando o Jânio Quadros desmontou um conjunto de prédios que era um cortiço e, por detrás daquele prédio, tinha uma espécie de muro desenhado, uma espécie de arco romano. Aquilo ficou como monumento para São Paulo, as pessoas passavam e achavam bonito, orgulhavam-se de São Paulo por ter aquele arco romano. E várias outras cidades. Por que não o Palácio da Alvorada?

Os empresários não fizeram nenhum pedido, a não ser o pedido de fazer o que tinha que ser feito, de trabalhar de forma incansável. Nós, agora, podemos entregar ao Brasil um Palácio restaurado, um Palácio que nós fomos encontrar até jacarandá, que não existe mais no Brasil, numa reserva que o Ibama tinha, de madeiras apreendidas, e gentilmente o Ibama cedeu para que a gente restaurasse o Salão Norte, por causa do vazamento de água deste Palácio.



Mas, dentre todas as pessoas que eu preciso agradecer, eu tenho que agradecer à dona Marisa, porque se dependesse só da vontade do Presidente, a gente às vezes pensa em fazer uma coisa, dois minutos depois alguém descarrega na cabeça da gente um outro problema, a gente já esquece aquilo que a gente tinha pensado, que era prioridade anteriormente.

E quero dizer para vocês que a dona Marisa, como outros companheiros que a ajudaram, é que assumiram a responsabilidade de vir aqui quase todo dia, de fiscalizar, de discutir com engenheiros, de dar palpites – e quantos palpites, não é? Quantos palpites!

O dado concreto é que hoje nós estamos aqui. Eu espero que no Brasil, nos estados, nas prefeituras, no governo federal, cada um, num mandato, deveria restaurar uma obra. Se a gente fizesse isso, com o tanto de prefeituras que a gente tem, com vinte tantos estados, a gente estaria restaurando algumas centenas de monumentos todo ano, e a gente não passaria a vergonha de viajar o Brasil e ver fortes extraordinários – a gente percebe que era uma coisa suntuosa, criados pelos portugueses para defender o Brasil – que foram abandonados, deteriorados. A gente viaja para outros países, vai visitar o mesmo forte, bem restaurado, aquilo termina sendo uma fonte de riqueza para o país, porque as pessoas pagam para ver.

Então eu quero, de coração, agradecer à minha querida “cara metade”, dona Marisa Letícia. Agradecer, e até porque ela tem menos preocupação com o que dizem do que eu. Agradecer à Abdib. Godoy, muito obrigado. Quero agradecer ao Iphan, e quero dizer para vocês que, se depender de mim, tem muita coisa para ser restaurada neste país. E se depender de mim, vocês vão ser parceiros em outra restauração. Se quiserem ver uma coisa, é só entrar no Palácio do Planalto, é só entrar para ver como aquilo vai precisar... porque tem prédios aqui em que foram colocando carpetes em cima de carpetes, nós descobrimos três carpetes, um em cima do outro, quer dizer, numa demonstração, eu diria, de negligência de quem fez, até com a saúde.



Então, está entregue, temporariamente a mim, e, definitivamente para o povo brasileiro, novamente, o Palácio da Alvorada. Acho que nós devemos isso ao Juscelino. No Brasil, muitas vezes, as pessoas são recuperadas politicamente e eticamente depois que morrem. E nós vimos, agora, toda a história do Juscelino, deram a ele a dimensão que ele teve na época e que, muitas vezes, não foi reconhecida. Todo mundo sabe o que se falou do Juscelino, porque ele decidiu fazer Brasília e fazer isso aqui, todo mundo sabe.

Então, essa obra é uma homenagem a Juscelino, uma homenagem a Oscar Niemeyer que ainda está vivo, graças a Deus, porque se fizesse depois de morto: “Ah, porque ele morreu”. Não, ele está vivo, não está aqui porque quebrou o braço, mas tinha assumido o compromisso de vir. E essa restauração é uma homenagem ao povo brasileiro. Afinal de contas, todos os olhos podem passar ali de frente e olhar esta obra magnânima, que é o Palácio da Alvorada.

Obrigado pela presença de vocês. Obrigado pela compreensão. E vamos visitar, agora, porque vocês vieram aqui, não para ouvir discurso, mas para fazer a visita.

Muito obrigado a todos que colaboraram para esta obra.